

COLÓQUIO | Letras

número 161/162 *Julho-Dezembro 2002*

árabe, aqui citada, é substituída noutros escritos pela marca da Ordem do Templo, ou de Cristo, e da Cavalaria Espiritual da qual também os árabes tinham altos expoentes — mas que nesses outros textos não serão citados.

Retomando a noção de Superioridade, escreve Mora/Pessoa: «As três condições da criação civilizacional são: a liberdade do indivíduo, a homogeneidade da pátria, e a dedicação a um princípio superior à Pátria. Importa supremamente que o povo tenha o amor da pátria e a consciência emotiva d'ela; que as classes médias tenham a máxima liberdade possível; e que as classes dirigentes tenham a noção nítida do seu papel.» (p. 150.)

O que Pessoa indica e sublinha é que ao povo tudo é pedido em função da pátria (mas que pátria? a da língua, ou apenas a do serviço cego, a obediência pura?); e aos «escóis» (para usar o termo do poeta para elites) que não esqueçam «que as pátrias são apenas meios para um fim, que as transcendem» (p. 150). O mesmo é dizer que o povo será também, na obediência cega, *um meio para um fim que o transcende* (em vez de ser um fim em si mesmo). Eis-nos bem longe do «paganismo» ou «neopaganismo» de pré-socráticos, socráticos, platónicos ou gnósticos. O conceito de «Civilização» que Pessoa transmite é descarnado e, precisamente por isso, perigoso. Pois ao homem cabe toda a mediação (como os filósofos e místicos bem sabem) e anular a mediação na sua humanidade é anular a própria consciência, a própria humanidade. Ao contrário do que Pessoa (Mora) afirma («desejamos a clareza no pensamento», p. 151), o que se abre com tais doutrinas é o grande portão de um novo e perigoso obscurantismo, que eclodirá na Segunda Guerra Mundial. Ao somar-se à «clareza no pensamento» a frieza inominável de que o mundo ainda hoje guarda a terrível memória.

Yvette K. Centeno

POESIA

FRANCISCO BUGALHO

POESIA

Organização de Luis Manuel Gaspar, João Filipe Bugalho, Maria Jorge, Luís Amaro, Diana Pimentel

Lisboa, Editora IG / 1998

«Este livro de Francisco Bugalho — *Poesia* —, carinhosamente organizado pelos seus amigos José Régio, Alberto de Serpa e Luís Moita, com as obras publicadas em vida do Autor e ainda

com vários poemas 'Dispersos e Inéditos' foi composto e impresso [...] em Lisboa, tendo saído dos prelos em Setembro de 1960» — era com estas palavras que o colofon da primeira edição de *Poesia*, sob a chancela da Portugália Editora, informava o leitor do que se havia pretendido realizar com o volume: reunir os três livros de poesia (*Margens*, 1931, *Canções de entre Céu e Terra*, 1940, e *Paisagem*, 1947) que Francisco Bugalho havia dado à estampa antes da morte prematura (em 1949), há muito esgotados, e salvar do esquecimento alguns dos textos (quinze, concretamente) dispersos por jornais e revistas. Poder-se-iam invocar as mesmas motivações para justificar esta segunda edição de *Poesia* — esgotada a primeira, continua a ser necessário dar a conhecer um poeta injustamente ausente do convívio dos leitores, e é fundamental resgatar textos que, divulgados em publicações periódicas, correriam o risco de se perderem —, se não fosse o facto de nos parecerem insuficientes para darem conta do alcance do projecto em causa.

Assim, não se trata verdadeiramente de segunda edição da obra, pois o resultado do trabalho que os organizadores deste volume nos oferecem consiste muito mais num livro novo do que na mera refundição daquele de 1960. Um dos principais motivos desta novidade deve-se ao facto de a fixação do texto (segundo critério explicitado na secção «Notas e Variantes», p. 221-30) ter assentado na «comparação das edições originais — *Margens* (1931), *Canções de entre Céu e Terra* (1940) e *Paisagem* (1947) — com *Poesia* (1960)» (p. 223) e na consulta dos manuscritos e dactiloscritos. Foi assim possível corrigir alguns erros, quer os herdados das primitivas versões dos três livros, quer, nomeadamente, os introduzidos na edição conjunta da Portugália. Aliás, o leitor pode consultar, na mencionada secção, as variantes conhecidas (de anteriores publicações, bem como de manuscritos) dos poemas constitutivos de *Poesia*, num aparato crítico claro e rigoroso (onde só parece existir um pequeno lapsos: a variante citada do poema «Canção do Dia Pardo», de *Paisagem*, ocorre não no décimo verso, mas no décimo terceiro — cf. p. 229).

Quanto às alterações textuais introduzidas nesta edição, salientaremos, entre as mais significativas, a correcção de diversos lapsos tipográficos e omissões» (p. 223); a actualização da ortografia (e igualmente algumas rectificações); diversas correcções de pontuação; a preocupação de observar a coincidência dos términos das estrofes com os finais de página; a recuperação das primitivas formas lexicais resultantes de contracções — as quais haviam sido quase sistematicamente eliminadas na edição de 1960 (por exemplo, no poema «Tarde Quente», o composto «Dentre», com que se iniciava o déci-

mo segundo verso na primeira edição de *Margens*, passou a «De entre», readquirindo agora a forma primitiva); a reposição de espaços interstróficos omitidos em alguns textos na edição da Portugalíia (como, por exemplo, o que separa da primeira da segunda estrofe no poema «Névoa», de *Paisagem*); a reposição do subtítulo «Bucólicas», retirado na edição de 1960, e que «agrupava, na edição original de *Canções de entre Céu e Terra*, os poemas 'Pastor', 'Pombos', 'Nascimento', 'Ganhão', 'Debulha', 'Adormecer' e 'Colheita'» (p. 223); a recuperação da cortina que identificava a secção «Momentos»; retomaram-se as «opções do Autor que correspondessem a necessidades de métrica» (*ibid.*). Foi ainda acrescentada a indicação das datas e lugares de publicação dos poemas da secção «Dispersos e Inéditos». Da edição de 1960 mantiveram os organizadores «a sequência de 'Dispersos e Inéditos'», «o critério de início de verso com maiúscula» (justificado, em relação a *Margens*, pela consulta dos «dactiloscritos para publicação») e «a substituição de *estática(s)* por *estática(s)* nos poemas 'Inverno' e 'Serra'» (*ibid.*) — sendo esta última opção igualmente fundamentada na análise dos manuscritos.

Os elementos apontados bastariam para justificar amplamente a oportunidade do livro; mas, como referíamos, estamos perante projecto mais vasto do que a mera reedição. Assim, para além da secção «Notas e Variantes», um abundante material iconográfico ilumina, ao longo de todo o livro, quer a poesia quer o poeta e a sua época. A este nível, salientam-se, num apuradíssimo trabalho tipográfico, as fotografias do próprio Francisco Bugalho, da sua família, dos locais onde viveu (particularmente do Alentejo, em toda a sua diversidade) e de alguns dos rostos da *Presença*: as cinco pinturas do artista Luís Manuel Gaspar (em diálogo directo com a poesia — a primeira, atravessando todo o exterior do volume; três delas abrindo cada um dos livros antologiadados; a última encerrando a secção «Dispersos e Inéditos»); a ilustração de Átila Mendly Vetyemy (cujos trabalhos figuravam na primeira edição de *Canções de entre Céu e Terra*, bem como na capa e no frontispício de *Paisagem*); as interpretações particulares de alguns poemas de *Paisagem* e também de *Canções de entre Céu e Terra* que constituem os desenhos de Adolfo Bugalho (um dos quais, por lapso, está indicado no «Índice de Gravuras» como figurando na página 99, quando de facto está reproduzido na página 93 — cf. p. 304).

Novidades são ainda o «Apêndice» (p. 211-20), a secção intitulada «Francisco Bugalho» (p. 231-78), uma «Marginália» (p. 279-92), «Bibliografia» (p. 293-303) e «Índice de Gravuras» (p. 304), para além do «Índice» (p. 305-8) geral do volume e do «Prefácio» (p. 7-17) assi-

nado por Joana Morais Varela. O «Apêndice» inclui um poema inédito («Carícias sábias minhas mãos buscaram», p. 213), datado de 1929, dois textos em prosa («Sonata», p. 214-6, «Dois Meninos num Jardim», p. 217-8), publicados originalmente na *Presença*, em 1931, e ainda um poema incorrectamente considerado inédito («Écloga», p. 219). Este último texto, cuja inclusão se louva, porquanto a sua importância para a compreensão da poética de Francisco Bugalho é iniludível (não apenas por sinalizar inequivocamente a temática bucólica como também pelo facto de se tratar de um dos poemas de maturidade do A. e um dos últimos publicados em vida), já havia, de facto, sido dado à estampa em 1948, no *Almanaque Serões. 1949* (cf. Moura, Editorial Serões, p. 21).

A secção «Francisco Bugalho» oferece minuciosa cronologia anotada da vida e obra do poeta, enriquecida por material iconográfico variado, depoimentos dos filhos do A. (Maria Cecília Flores Bugalho e João Filipe Flores Bugalho), textos críticos, cartas e testemunhos de alguns dos homens que com ele privaram (nomeadamente João Gaspar Simões, Luiz Pedro Moitinho de Almeida, António Luís Moita, Guilherme de Castilho, José Régio, Vitorino Nemésio, Adolfo Casais Monteiro); reproduzem-se ainda dois poemas que homenageiam a obra e o homem: um de Sebastião da Gama, «Poema para Francisco Bugalho» (p. 276-7), e outro do filho mais velho, Cristovam Pavia, «Poema (de uma fotografia de meu Pai comigo, pequeno de meses, ao colo)» (p. 249). No conjunto, e para além do imediato carácter informativo, esta secção dá ao leitor a possibilidade de travar conhecimento com a face civil do poeta, com a atmosfera em que escreveu e viveu, e, até, com alguns traços da história privada da *Presença*.

Na «Marginália» reproduzem-se na íntegra textos críticos sobre a poesia de Francisco Bugalho: uma recensão a *Margens* que José Régio publicou na *Presença*, em 1931; outra, de Irene Lisboa, a *Canções de entre Céu e Terra*, que veio a lume na *Seara Nova*, em 1940; uma terceira, da autoria de Vitorino Nemésio, a *Paisagem*, dada à estampa originalmente em 1948, nas páginas do *Diário Popular*. Trata-se de uma excelente selecção de estudos que funcionam como roteiro inicial de interpretações da poética do A. e constituem elementos fundamentais da bibliografia crítica. Estes três olhares contemporâneos são ainda complementados pelo «Prefácio» de José Régio com que se iniciava a edição de 1960.

No final da obra, imediatamente a seguir às reproduções das capas das primeiras edições dos livros de Francisco Bugalho bem como das dos primeiros números da *Presença* em que colaborou, tem o leitor a felicidade de encon-

trar uma extensa e rigorosa «Bibliografia», resultado de um notável trabalho de pesquisa levado a cabo pelos organizadores. Dividida em «Obras do Autor» e «Alguns Textos sobre o Autor ou a Ele Dedicados, Referências Críticas e Biográficas», constitui instrumento precioso para o conhecimento da obra do poeta. Nela encontramos as referências completas não só das publicações mais conhecidas como também da juvenília de Francisco Bugalho, das primeiras versões de muitos dos poemas que viriam a ser incluídos nas três obras editadas em vida, das antologias em que está representado, da correspondência, das traduções (feitas pelo próprio e de poemas seus), dos estudos sobre a poesia, até da discografia e iconografia.

Tendo em conta a preocupação de exaustividade, particularmente visível no registo da longa bibliografia passiva, sugeriríamos, em posterior edição, o acrescento dos seguintes textos, dedicados ao estudo da obra de Francisco Bugalho ou a ela fazendo referência: Luiz Pedro Moitinho de Almeida, *Fernando Pessoa. No Cinquentenário da Sua Morte*, [Coimbra], Coimbra Editora, 1985; Fernando Pinto do Amaral, «As Paisagens de Uma Alma», *Público*, Supl. «Leituras», 11-IX-1999, p. 6; João Pedro de Andrade, «Dispersão. Doze Poesias, por Mário de Sá-Carneiro. Canções de entre Céu e Terra, por Francisco Bugalho», *O Diabo*, 1-VI-1940, p. 2; Gil de Carvalho, «O Distante Alentejo», *Expresso*, Supl. «Cartaz», 28-VIII-1999, p. 20; José do Carmo Francisco, «Poesia de Francisco Bugalho», *Notícias da Amadora*, 16-III-2000, p. 17; Maria Aliete Galhoz, «Bugalho, Francisco José Lahmeyer», in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura. Atualização*, vol. 1, coord. de Ernesto Rodrigues, Pires Laranjeira, Viale Moutinho, Lisboa/Porto, Livraria Figueirinhas, 2002, p. 157-8; Ana Marques Gastão, «Bugalho, Solitário Contemplador», *Diário de Notícias*, 3-II-2001, p. 43; Fernando Guimarães, *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*, 2.^a ed. revista, Porto, Brasília Editora, 1981 (obra apenas incluída na secção das antologias); Fernando Guimarães, «Presencistas de novo Presentes», *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 3-XI-1999, p. 19-20; Maria Jorge, «E o Dia Claro É Quando a Noite Vem», *Ler*, n.º 46, Verão de 1999, p. 68-71; Álvaro Manuel Machado, «A Poesia da Presença ou a Retórica do Eu», *Colóquio/Letras*, n.º 38, Julho de 1977, p. 5-12; Vasco Miranda, «Dois Décénios de Poesia», *O Comércio do Porto*, Supl. «Cultura e Arte», ano IX, n.º 14, 14-VI-1960, p. 5 (republicado em *Estrada Larga. Antologia dos Números Especiais, Relativos a cada Lustrro, do Suplemento «Cultura e Arte» de «O Comércio do Porto»*, 3, orientação e organização de Costa Barreto, Porto, Porto Editora, s/d., p. 228-37); Adolfo Casais Monteiro, «Varanda — Poemas de Alberto de Serpa», *Descrição — Poemas de Alberto de Serpa*, *Presença. Folha de*

Arte e Crítica, Coimbra, ano IX, vol. II, n.º 45, Junho de 1935, p. 18-9 (reproduzido em *Presença. Edição Facsimilada Compacta*, t. II, Lisboa, Contexto Editora, 1993; republicado em *A Poesia Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1977, p. 239-41); Vitorino Nemésio, «Se Uns Vão, Outros Vêm», *Diário Popular*, 9-XI-1949, p. 5 (republicado parcialmente em *Conhecimento de Poesia. Jornal de Vitorino Nemésio 4*, introdução de José Martins Garcia, 3.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, p. 157-9); Vitorino Nemésio, «As Fontes da Poesia Portuguesa-1», *Diário Popular*, 11-I-1950, p. 5 (republicado igualmente em *Conhecimento de Poesia. Jornal de Vitorino Nemésio 4*, ed. cit., p. 59-63); Maria Teresa Arsénio Nunes, «Apresentação Crítica», in *A Poesia da Presença*, selecção, notas e sugestões para análise literária, Lisboa, Seara Nova/Editorial Comunicação, 1982, p. 13-44 (a mesma obra poderia ser incluída na secção «Antologias em Que Está Representado», uma vez que inclui cinco poemas de Francisco Bugalho: «Noite de Lua», p. 127-8; «Herói Vencido», p. 128; «Olhar», p. 129; «Madrugada», p. 129-30; «Obsessão», p. 130-1); Fernando Jorge Vieira Pimentel, *A Poesia da Presença (1927-1940). Tradição e Modernidade*, 2 vols., Ponta Delgada, Universidade dos Açores, dissertação de doutoramento, policopiada, 1987; Eduardo Pitta, «O Lume Raso da Terra», *Ler*, n.º 45, Primavera de 1999, p. 104-6; Manuel Poppe, «Francisco Bugalho», *Jornal de Notícias*, 3-X-1999.

Na secção «Antologias em Que Está Representado», acrescentaríamos, para além da já referida obra de Maria Teresa Arsénio Nunes, os seguintes volumes: Eugénio de Andrade, *Alentejo não Tem Sombra. Antologia da Poesia Moderna sobre o Alentejo*, 4.^a ed., Porto, Edições Asa, 2001 (que inclui os poemas «Meio-Dia», p. 20; «Ganhão», p. 21-2; «Ceifeiros», p. 23-4); Luís Sá e Manuela Rêgo (coord. e org.), *O Caso do Policial Português*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1998, (onde se pode ler o poema «Romance Policial»; Manuel Silva Terra (org.), *E o Céu tão baixo. Uma Antologia Poética sobre o Alentejo*, Évora, Casa do Sul Editora, 1999 (onde são reproduzidos os poemas «Meio-Dia», p. 61; «Pastor», p. 62-3; «A Parede Caiada», p. 64); António Manuel Couto Viana (sel., pref. e notas), *Tesouros da Poesia Portuguesa*, 2.^a ed., Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1984 (encontram-se aqui os poemas «Nascimento», p. 352-3; «Tosquia», p. 353; «O Comboio Passa», p. 354). Assinale-se ainda que a madrilena *La Gaceta Literaria* reproduz o poema «Obsessão» (Ano IV, n.º 73, 1-I-1930, p. 8) e que a revista *Ler*, no seu número do Verão de 1999, inclui a reprodução de dois poemas de Francisco Bugalho («Dom Rafeiro», p. 72; «Trovoada», p. 73), para além de uma carta sua, inédita, datada de 1-IV-1937 e dirigida a João Gaspar Simões (p. 76).

Em futura edição, dever-se-iam igualmente eliminar as seguintes gralhas: a que ocorre no verso vigésimo quinto do poema «Elegia», de *Canções de entre Céu e Terra*, onde se registou «manhã encantadas», por «manhãs encantadas» (cf. p. 111); a que diz respeito à data da primeira publicação dos poemas «Fábula», «Menina» e «Trópicos» na *Presença*: trata-se de 1937 e não de 1932 (cf. p. 295); a que aparece na bibliografia passiva, quando se cita incorrectamente 1969 como ano de publicação do texto de Carlos Cunha, quando na verdade é 1960 (cf. p. 299).

Finalmente, merece destaque o Prefácio com que se inicia este volume de *Poesia*. Tratando-se de um dos mais rigorosos estudos da obra de Francisco Bugalho, chama a atenção para a sua modernidade, mostrando como no centro desta poesia se instaura um sujeito inquieto, em progressiva reflexão sobre si próprio e sobre o mundo: «na obra poética publicada por Francisco Bugalho, poeta da fruição imediata e sensual do que está próximo, mas também poeta da angústia dos limites, se vai tratando da conversão de um homem a um lugar na terra, um lugar contra cuja fixidez nunca deixa de se ouvir um protesto [...], mas um lugar onde a vida tem um forte colorido» (p. 11). De facto, a relação do eu com o espaço parece-nos um dos aspectos fundamentais da poética do A., na medida em que funciona como elemento determinante de uma mundividência bucólica. Assumindo diversos rostos, como também refere a autora do Prefácio, o poeta ergue o seu canto ora de conformidade à paisagem benévola ora de inquietação face à natureza agressiva que o rodeia. Não se trata, pois, de poesia uniformemente celebratória; aliás, perante a realidade deceptiva e reconhecendo a solidão, o eu manifesta recorrentemente um desejo de se evadir do tempo e do espaço presentes. No entanto, por impossibilidade de partir e por amor aos que o rodeiam, o seu canto jamais perde as raízes de onde primordialmente decorre, suprimindo, até, as falhas que frequentemente o motivam. A este respeito, a figura do pastor institui-se como elemento fulcral de uma escrita onde perpassa o resultado da aprendizagem da moderna lição caeiriã, sobretudo quando se trata de reflectir sobre a relação complexa da poesia com o mundo. Na exemplar arte poética constituída pelo texto «Aspiração» (p. 84), por exemplo, compreendemos como, dada a impossibilidade de pensar o real sem a mediação da língua, o canto se institui conscientemente como o real possível e até, por vezes, noutros poemas, como via para a construção de um universo utópico (o qual, no entanto, jamais funciona como alheamento, uma vez que se lhe reconhece o carácter ficcional). Partindo-se do que é visto, através do frequente recurso ao registo descritivo, a poesia

funciona ainda como forma de conhecimento activo do eu e do mundo, rejeitando-se determinados modelos (como aquele que decorre da leitura de Fialho de Almeida), propondo-se outros (como o que assenta numa visão tensa, entre bucolismo e antibucolismo), mas testemunhando sempre amorosa atenção ao real.

Talvez o último aspecto venha a seduzir uma nova geração de leitores. O que nos parece inquestionável é ter esta edição de *Poesia* de Francisco Bugalho, entre outros, o mérito de chamar a atenção para um poeta que constitui não só uma voz singular na história do nosso segundo modernismo como também, certamente, uma das presenças mais importantes do lirismo português contemporâneo.

João Minboto Marques

ANTÓNIO RAMOS ROSA

O APRENDIZ SECRETO

Col. *Uma Existência de Papel*

Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições/2001

Depois de mais de 60 títulos publicados ao longo da vida, integralmente devotada à poesia, António Ramos Rosa presenteou-nos com *um livro* que é todo ele uma alegoria — em prosa poética — da construção do Livro. E não tanto concebido à maneira mallarmiana de elaborada estrutura intelectual onde condensar o universo, mas sobretudo partilhado enquanto esfera desdobrável de sabedoria, onde cada texto existe como um todo (daí a existência de índice final), para além de se relacionar intimamente com os restantes, conferindo ao conjunto notável unidade interna.

A novidade, em especial para o leitor da poesia ramos-rosiana, não reside exactamente na dimensão metapoética, recorrente na obra do Autor, mas na forma *una, apurada* e, impõe-se mesmo acrescentar, *tranquila*, de que aqui se reveste a reflexão em torno da criação literária, ou, em termos mais vastos, artística.

Desde logo, sobressai o facto de, ao contrário do que lhe é habitual, António Ramos Rosa ter abandonado nesta obra o eu do sujeito poético, optando pela enunciação, na terceira pessoa, do «construtor» ou da própria construção. A designação dessa personagem metapoética não deixa de ser curiosa, porque além de substituir a mais esperável — a de criador (evitada, talvez, pela aproximação ao discurso religioso) —, remete para um universo semântico-formal(ista), ao estilo dos anos 60-70 (lembrase que, em 1969, António Ramos Rosa publicou *A Construção do Corpo*), embora — e este aspecto revela-se fundamental — se dê